

1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín, 2019.

Reconhecimento Social pela Prática Educativa.

Godinho, Josiane Machado. y Lacerda, Miriam Pires Corrêa de.

Cita:

Godinho, Josiane Machado. y Lacerda, Miriam Pires Corrêa de. (2019). *Reconhecimento Social pela Prática Educativa. 1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/762>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRUe/kXu>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Reconhecimento Social pela Prática Educativa

Josiane Machado Godinho
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
josigodinho@gmail.com Correo electrónico

Miriam Pires Correa de Lacerda
Universidade LaSalle
miriam.p.c.lacerda@gmail.com

Resumen

Este estudo tem por objetivo compreender o sentido da escolarização para os/as jovens em situação de rua e como se dá a construção do vínculo de pertencimento com a Escola a qual frequentam. A Instituição em questão é a Escola Municipal Porto Alegre (EPA), mantida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS - Brasil, na qual são atendidos, além desses jovens, moradores/as de abrigos e de comunidades distantes da região central. Foi utilizada a metodologia qualitativa com abordagem tipo etnográfica que, por ter uma vinculação com a área educacional, preocupa-se com os processos educativos. Foi adotado alguns procedimentos técnicos próprios da pesquisa etnográfica como a observação participante e as entrevistas, sem perder de vista a dimensão pedagógica do estudo. Foi realizada pesquisa com jovens estudantes que se encontram em situação de rua, professores/as e equipe pedagógica e diretiva da Escola, dentro do próprio ambiente escolar, valendo-se das influências do meio para entender os fenômenos contextualmente. Essa busca pela escolarização e pelo espaço institucional é, antes de lutar por um direito que lhes fora negado e o espaço em questão, pensado para pessoas em extrema vulnerabilidade, proporciona uma outra maneira de relacionar-se com a vida, com seus direitos, com o outro.

Palabras-claves: Reconhecimento Social; prática educativas; escola; Juventudes; juventudes em situação de rua.

Reconhecimento Social pela Prática Educativa

Tendo em vista o público que recebe, a Escola Porto Alegre (EPA), pouco a pouco, foi se modificando para atendê-lo e, nessa mesma medida, diferenciando-se das outras escolas da Rede Municipal, pois acolher pessoas em situação de rua exigia



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

algumas especificidades no tempo e os espaços pedagógicos e administrativos da escola. Durante a pesquisa, ouvimos muito de estudantes e trabalhadores/as sobre essa maneira de educar, muitas vezes confundida com assistencialismo. Sobre isso a gestora Paula também explica: *Tem que se tirar esses dogmas que porque tu tá garantindo um banho, eu estou perdendo o valor de educação, não. Eu estou agregando valor da educação. Um banho tem muito mais sentido pra uma aula de ciências que ficar estudando as células”*.

Durante o grupo focal realizado com os/as estudantes, essas ações de acolhimento fizeram parte dos registros que surgiram como um grande potencial para a permanência deles/as na escola. Como na seguinte fala: *Eu me adaptei aqui na EPA e não quero sair mais... O cara chega e toma banho, depois almoça, vai pra informática, faz pouca coisa na sala. Eu comecei a curtir!* (E. Camilo).

Percebemos que a instituição usa todos os meios para não acontecer novamente com o/a estudante, o que já havia acontecido em suas outras passagens pela escola: o abandono. Daí toda a preparação e esforço para que o/a estudante se sinta bem e permaneça na escola.

Os/as estudantes, apontaram muitas vezes o desejo de estudar para poder trabalhar, para entender a história do lugar onde vivem e, também, utilizar, na rua, a matemática que aprendem na escola. E, mais do que isso, se reconheciam como pessoas que precisavam daquele espaço e do acolhimento diferenciado proporcionado pela EPA.

Para os/as estudantes, estar na escola pressupõe uma mudança de estado, como se lá tivessem a oportunidade de potencializar o que já sabem e tornarem-se melhores. Conforme a seguinte fala: *A escola oferece pra você sair fora da rua do jeito que você tá mesmo.* (E. Camilo) Proporcionando, até mesmo, oportunidades para que deixem de ter a rua como local de moradia, como na fala da gestora: *A gente não tira eles da rua, nós criamos possibilidades. E se ele assim o puder, quem sabe ele consiga. Não somos onipotentes, mas temos potência para isso.* (G. Paula)

Durante a entrevista com a Paula, a rua, em nenhum momento foi citada como algo ruim, triste. Mas sim, como algo a ser superado pelo/a estudante, e a escola como um primeiro passo para sair dela. Reconhecemos esse posicionamento, também, na fala de outros/as entrevistados/as: *Quando a gente conhece as histórias tu percebe que a rua foi a salvação. Não é o olhar romântico, eu posso ter jeitos de ficar na rua.* (G.



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Sílvia)

Torna-se mais fácil compreender a opinião da Gestora Paula depois que, cotidianamente, vamos conhecendo a história de cada um dos/as jovens. Como o Daniel, que desde muito pequeno frequenta a EPA, que no dia de sua formatura, relatou que naquele dia passaria o final de semana na casa da mãe. Ingenuamente podemos pensar ser uma oportunidade para ele sair da rua, um recomeço, mas, ao ser questionado, a resposta foi negativa. Disse que já estava desde os 9 anos de idade na rua e que não voltaria mais para a casa da mãe. Antes que se convencesse de que a casa da mãe certamente é muito melhor que a rua, ele apontou para as marcas no seu corpo sua mãe havia feito ao longo de sua infância.

O exemplo acima mostra que pode ser menos dolorido estar na rua, do que com a família: *Quem disse que a rua só é lugar de sofrimento? A rua também é lugar de solidariedade.* (G. Paula) Entretanto, a mesma gestora pondera: *Para uma criança ou adolescente a rua não é um espaço cuidador, é um espaço de violação.* Esse contrassenso apresentado pela diretora revela o quanto a instituição é conhecedora das histórias desses jovens, pois elas, muitas vezes, se repetem. E sabem que estar em casa pode ser tão violento que a rua – também considerada local de violação- torna-se solidária para quem precisa dela.

Dessa forma, a EPA dá a sua contribuição ao oferecer o espaço institucional e humano no qual esses/as jovens têm a oportunidade de se constituir como sujeitos de direitos, sem a condição de abandonar o que foi construído solidariamente com a rua e tudo que faz parte dela, como expõe a gestora: *A EPA pode dar para esse sujeito um sentido de estar na rua, e não deixar ele perder a identidade de cidadão.* (G. Paula)

Assim, o/a estudante pode construir-se a partir do desejo de fazê-lo e não da necessidade, que outrora o/a levou à rua. E o mais importante, ter a oportunidade de reconstruir-se: *O EPA é o único colégio que aceita moradores de rua, porque os outros já fecharam.* (E. Camilo).

Em entrevista com a gestora Sílvia, logo nos primeiros minutos ela questionou: *Sabe quando tu tá na casa da mãe?* A fim de exemplificar como é a relação entre a EPA e os/as estudantes. Já na conversa com os/as jovens, essa relação foi representada como um elo com o passado, assim como no caso desta jovem: *Eu morei no abrigo e vários estudaram aqui, a minha irmã também estudou aqui.* (E. Taís) Ou do jovem que



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

conta a sua história junto com a história da escola: *o Juarez me conhece desde pequenininho!*

E a escola reconhece esse papel de protetora junto aos/às estudantes: *Quando mais frágeis os sujeitos, mais vínculos eles têm com a EPA. É tu não ser um mero serviço. É o acolhimento, tu não é uma estatística de atendimento.* E também durante sua fala demonstrou que a EPA age de maneira a reconstruir as relações que eles/as têm com outras instituições: *Toda a escola hoje é um espaço de proteção à criança. A EPA é um espaço maior porque lá quando a escola deveria ter sido para esses sujeitos, ela não foi. (G. Paula)* O que possibilita que os/as estudantes possam, novamente, criar vínculos institucionais com a família, abrigos e a própria escola.

E essa tarefa não parece excluir o caráter de escolarização que a EPA tem para os/as estudantes, pois promove a conclusão dos estudos para a superação das dificuldades que encontram na rua. E uma dessas dificuldades creio que seja a falta de oportunidades de trabalho juntamente com a necessidade dele, visto que precisam garantir seu sustento.

No entanto, curiosamente, foram pouco frequentes esses anseios pela conclusão dos estudos quando em conversas mais próximas. Nessas, contavam do desespero por perder o vínculo com a instituição, como se isso significasse perder, também, a condição de cidadãos/ãs dada pela escola. Como o estudante João que, ao me encontrar na rua, fez questão de relatar sua indignação por estar entre os formandos: *Eles querem me formar agora, mas eu já disse que não quero!* Diante da reclamação, resgatei a formatura como a conclusão de uma etapa de estudo e dedicação que ele teve na escola. Em vão, João estava inconsolável. Tempo depois, ao encontrá-lo novamente na rua, tamanha foi a tristeza ao vê-lo: estava mais magro, cabelos grandes e despenteados e roupas sujas. Como havia anunciado, a formatura não lhe fez bem. Essa pequena ilustração vem ao encontro da fala da gestora Sílvia que assegura: *o objetivo nunca é o estudo, raramente. Tem aquele que vem para um espaço protegido, se sentem respeitados, ouvidos.*

Entretanto, mesmo que a instituição não seja para os/as estudantes o lugar onde especialmente se aprende conteúdos ditos escolares, a forma como são conduzidas as práticas possibilitam a permanência dos/as estudantes, para que assim possa acontecer a aprendizagem. Portanto, sentir-se respeitado e ouvido, pode ser a primeiro passo para reatar o vínculo com a escola.



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Essa possibilidade exige outras maneiras de ensinar: *Eu sempre tento trazer para as questões que eles vivenciam, mas isso eu falo do meu trabalho. Mas é um exercício complicado porque tu tens que estar aberto a isso. (P. Renata)* E, quando disponíveis às outras maneiras de ensinar, o planejamento passa a ser constantemente revisitado: *Tu até vem com um planejamento, uma ideia, mas surgem outras questões. E completa: Eu faço o planejamento fechadinho para aquela aula. Não que não tenho uma continuidade, mas tem que ter início, meio e fim (P. Renata)*

Assim, ponderamos a complexa e desafiadora arte de aprender e/a ensinar nesse contexto, pois, juntamente com nosso ofício, estão nossos medos, desejos, expectativas e uma série de outros sentidos e sentimentos que não acompanham o botão de desligar. Há ali, se nos dispusermos a isso, um longo caminho de aprendizagens e de constantes visitas aos nossos conceitos, possibilitando uma formação permanente para que possamos perceber a prática docente para além do desenvolvimento de conteúdo.

Bibliografía y referencia bibliográficas

- ANDRÉ, Marli e LÜDKE, Menga. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- ANDRÉ, Marli. (2012) *Etnografia da prática escolar*. 18ª edição – Campinas, SP: Papirus.
- ANGROSINO, Michael. (2009). *Etnografia e Observação Participante*; tradução José Fonseca. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed,.
- BARBOUR, Rosaline. (2009). *Grupos Focais*; tradução Marcelo Figueiredo Duarte. Coleção Pesquisa Qualitativa – Porto Alegre: Artmed.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas*. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, , p. 15-80.
- HONNETH, Axel. (2003) *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34. Título original: Kampf um Anerkennung.